

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**ONTOLOGIAS DA ÁGUA E RESILIÊNCIA BIOCULTURAL: A PALAFITA
COMO TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA DA PAISAGEM NA AMAZÔNIA
TAPAJÔNICA**

Cecy Oneide Do Nascimento Sussuarana (cecysussuarana@gmail.com)

Itamar Rodrigues Paulino (itasophos@gmail.com)

As paisagens culturais das águas amazônidas não se limitam à delimitação geográfica; elas representam a interseção dialética entre ecossistemas hídricos e sistemas de significação humana. Em contextos ribeirinhos, a água atua como um agente estruturador, um "suporte vivo" que coordena o metabolismo social, as tipologias arquitetônicas e as cartografias da memória. No debate ibero-americano, essas paisagens são entendidas como palimpsestos, onde camadas de adaptação histórica revelam a tensão constante entre a permanência cultural e as transformações urbanas. Nossa apresentação evoca as palafitas ribeirinhas como Arquitetura Vernacular e Saberes Hidrológicos. Assim, apropriamos do termo palafita em Santarém, no oeste paraense como

moradia e como uma tipologia arquitetônica de simbiose. Ela é a materialização de um saber tradicional que decodifica o pulso da inundação a partir dos regimes de cheia e vazante. A palafita é um modelo arquitetônico de resiliência que integra o solo instável e a variabilidade do nível dos rios Tapajós, Arapiuns e Amazonas, na região do Baixo Amazonas. Para além da madeira e dos esteios, a palafita sustenta modos de vida e narrativas identitárias, afirmando-se como patrimônio vivo que resiste à homogeneização das normas urbanas convencionais. Nela se expressam práticas existenciais próprias adaptadas à lógica da dinâmica hídrica, e faz as comunidades articularem socioeconomia, cultura e relações de uso agrícola, pecuário, pesqueiro, bem como de consumo humano e animal das águas, numa contínua interação com o meio ambiente. Na oposição dessa harmonia socioambiental, as transformações antropogênicas e a crise climática global têm subvertido a previsibilidade dos ciclos hidrológicos na Amazônia, fazendo com que a intensificação de eventos extremos e a erosão acelerada das margens (o fenômeno das "terras caídas") comprometem a integridade estrutural das palafitas e, conseqüentemente, a estabilidade das comunidades. O impacto não é meramente material; há uma erosão simbólica. O deslocamento forçado e a alteração forçada dos modos de vida rompem a continuidade histórica, fragilizando o nexos entre território, memória e identidade. Nossa apresentação se ancora numa análise nos marcos teóricos da UNESCO (1972), da Convenção Europeia da Paisagem (2000) e na Carta Ibero-Americana de Paisagem Cultural. Esses documentos fundamentam a necessidade de transitar de uma visão puramente preservacionista para uma gestão integrada, que compreenda a paisagem como um direito cultural e uma expressão da diversidade humana frente ao ambiente. Conseqüentemente, a salvaguarda das paisagens culturais da água exige políticas públicas situadas, que reconheçam a complexidade socioambiental da Amazônia, incorporando projetos arquitetônicos e urbanísticos que atentem à resiliência e ao protagonismo das comunidades ribeirinhas como parâmetro técnico, valorizando a palafita não como precariedade, mas como tecnologia social de adaptação. A preservação dessa paisagem é, pois, a garantia de soberania das memórias e identidades que emergem das águas.

Palavras-chave: água; amazônia; memória; identidade; paisagem cultural.